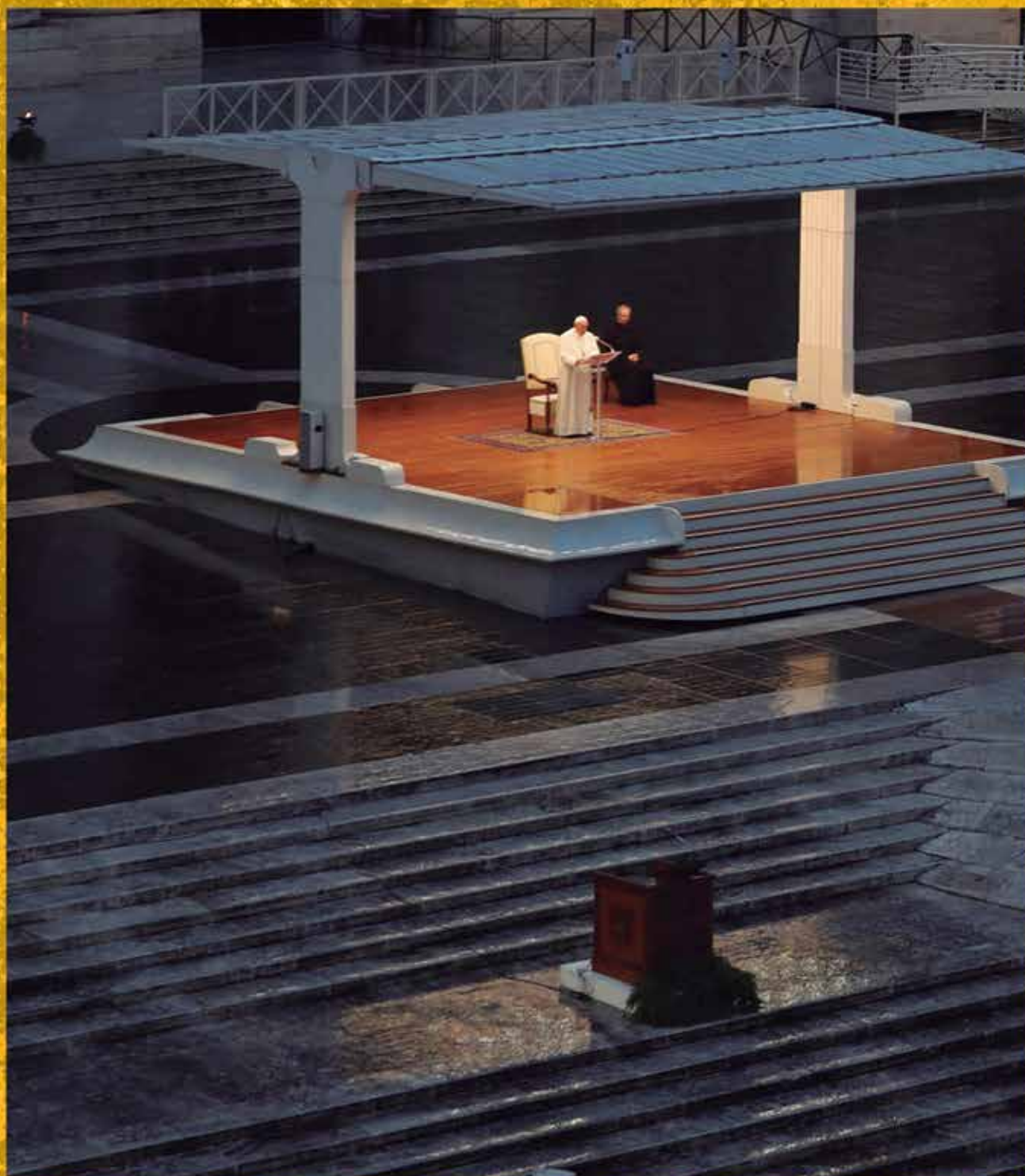




Publicação do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes – jan/20 a jun/20



SUMÁRIO

EDITORIAL - P. 02

SEÇÃO BÍBLIA - P. 03

Para que este desperdício?

REFLEXÃO - P. 04

Querem tomar o meu emprego!

VARAL DO MIGRANTE - P. 06

Atividades das equipes locais

HISTÓRIAS DE VIDA - P. 08

Ir. Darcilla Antonioli

Travessias com migrantes em um Jubileu de Ouro

CULTURA E ARTE - P. 11

A hora do Brasil

Hino dos 35 anos do SPM

BALAIO - P. 12



Publicação semestral do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes

Rua Caiambé, 126 - Ipiranga

CEP 04264-060 - São Paulo, SP

Fone: (11) 2063-7064

E-mail: spm.nac@terra.com.br

secretaria.spm.nac@terra.com.br

WhatsApp: (11) 94863-9478

Site: www.spmnacional.org

Boletim SPM Informa:

www.spminforma.blogspot.com

Facebook:

www.facebook.com/pastoraldosmigrantes

YouTube: www.bit.ly/SPMcanal

Instagram:

@pastoraldosmigrantes

Twitter: twitter.com/spmigrantes

O **SPM** é um organismo ligado à Comissão 8 da CNBB. Tem como objetivo central articular e dinamizar a Pastoral dos Migrantes em âmbito nacional.

Assinaturas:

Normal = R\$ 20,00

Apoio = R\$ 50,00

Exterior = Us\$30,00

O pagamento pode ser feito através de cheque ao Serviço Pastoral dos Migrantes ou depositar na Conta Corrente 42777 -5 da Agência 0644 do Banco Itaú, ou por vale postal à agência Ipiranga/SP

Conselho Editorial

Ana Valim, Ari José Alberti, Daniel gorteldalmo, Espedita Macena de Andrade, Jairo Moura Costa, José Carlos Pereira, José Roberval Freire, Maria de Lourdes Bernartt, Mario Geremia, Miguel Angel Ahumada, Roberto Saraiva, Teresa Paris B. Holanda.

Imagem da Capa:

Yara Nardi. Reuters

Criação, diagramação e impressão:

Renata Lima - A.N. Gráfica - 3975 9262

Tiragem: 1000 exemplares

Editorial

AMIGAS E AMIGOS DE TANTAS CAMINHADAS

2020 já tem seu fato do ano: a pandemia de coronavírus. E aqui-

lo que a princípio era preocupante, ao chegar no Brasil se tornou desesperador. Escrevemos este editorial ainda antes do chamado "pico da pandemia", mas não nos resta muitas esperanças de que a crise será grave.

Grave não apenas na saúde pública, como também na política e na economia, afetando assim a vida de toda a população, em especial dos mais necessitados. A omissão do presidente e as brigas entre os poderes impediram uma ação coordenada que se antecipasse à pandemia e amenizasse seus efeitos. Compare-se, por exemplo, ao que fez o presidente da Argentina, tanto em termos de se preparar para o vírus, com construção de hospitais e aquisição de equipamentos, coordenar a quarentena quanto de auxiliar empregados, empregadores e desempregados: no dia 20 de maio o país, com população equivalente à do Estado de São Paulo (40 milhões de habitantes), tem 8.783 infectados e 393 mortes, enquanto estado mais rico e mais bem preparado do país tem mais de 66 mil infectados e 5.147 mortes - 13 vezes mais mortes! Morre mais gente por hora em São Paulo (13) do que por dia na Argentina (11)!

Aos que estão no ponto mais frágil da sociedade, maior a dificuldade. E aqui se incluem migrantes internos e internacionais: não raro vivendo em condições de moradia



Foto: Ilustração Freepik

precários, impossibilitados, portanto, de fazer a quarentena, são dos que mais sofrem com a redução drástica dos postos de trabalho, tem seus processos de documentação parados; como todos, têm dificuldades no acesso à saúde - na pandemia não é só o coronavírus o problema, não se pode ficar doente -, e dificuldades no acesso ao auxílio emergencial.

Por conta de também nos preservarmos - e preservarmos o outro -, nós do SPM diminuímos nosso ritmo de trabalho, de atendimento presencial, mas seguimos com parte de nossos serviços, como as casas de acolhida e serviços de assistência (entrega de cestas básicas, EPIs e, em alguns casos, medicamentos), além, é claro, da participação nas diversas redes de solidariedade criadas no âmbito da sociedade civil e eclesial. Oxalá que esta crise mundial, que trouxe milhares de mortes e enlutou tantas famílias, que balançou as estruturas da economia, possa potencializar a força da solidariedade e justiça social que emergiu nestes dias. De qualquer modo, após a pandemia passar precisaremos estar com o ânimo redobrado para dar conta das dificuldades que surgirão. E que superaremos, como já superamos outras.

PARA QUE ESTE DESPERDÍCIO?

PA. ROMI MÁRCIA BENCKE

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil "Em Betânia, quando Jesus estava à mesa em casa de Simão, o leproso, aproximou-se dele uma mulher trazendo um frasco de alabastro de perfume de nardo puro, caríssimo, quebrou o frasco, derramou-o sobre a cabeça dele. Alguns dentre os presentes indignavam-se entre si: "para que este desperdício de perfume"? (Mc . 14. 3-4).



Foto: Retha Ferguson no Pexels

O ano de 2016 representa um ponto de virada para o nosso país. Entre os altos e baixos de nossa tímida e jovem história democrática, o que acompanhamos naquele ano foi uma espécie de Big Brother da política. Os atores e atrizes desta história procuraram, à sua maneira, reforçar seu melhor ângulo para as câmeras das televisões e suas melhores frases de efeito.

Desde o ano de 2016, nossa vida como nação mudou radicalmente. Não se pode falar de nenhuma experiência recente desconsiderando o que aconteceu naquele ano. E isso vale para as eleições para a presidência da república e governadores/as. Não é preciso relatar o quanto aquele processo foi permeado de surrealismo e pelo absurdo. Se havíamos pensado que, na fatídica tarde do domingo em que o congresso optou pelo impedimento da presidente Dilma, o show de horrores havia acabado, as eleições de 2018 nos mostraram que não. A novela do absurdo seguiria, tornando o

Brasil motivo de chacota internacional.

As consequências deste espetáculo de mau gosto estão sendo enfrentadas agora. Políticas públicas voltadas para a diminuição da desigualdade social e econômica do país têm sofrido ataques e cortes orçamentários. Da mesma forma, as políticas de direitos humanos gradativamente foram sendo orientadas para ações conservadoras, que não consideram a ampla diversidade cultural, étnica, religiosa, racial do país. Políticas fundamentais para a geração de emprego e renda sofreram cortes ou foram extintas, como as voltadas para a economia popular e solidária. Palavras como participação popular, solidariedade, inclusão, comunalidade, igualdade, diversidade são palavras quase proibidas.

Todo este processo é um indicador que no capitalismo, em especial, este que se apresenta de forma ultra-neoliberal e fundamentalista não convive com experiências democráticas, por mais incipientes que elas sejam. É por isso que, ao refletir sobre nosso próximo processo

eleitoral, lembrei-me da história bíblica da unção em Betânia, que pode ser lida nos evangelhos de João ou de Marcos. Esta é a história da mulher, que entra na casa de Simão, onde Jesus estava. Sua audácia não se resumiu apenas em entrar em um lugar onde mulheres não deveriam estar. Ela fez mais, derramou um frasco de nardo sobre a cabeça de Jesus. Imediatamente os homens da sala criticaram esta mulher, sem nome, sem voz, mas extremamente política e corajosa. Para os homens, o que ela estava fazendo era um grande desperdício. Se o perfume fosse vendido, o dinheiro poderia, segundo eles, ser destinado aos pobres. No entanto, Jesus respondeu dizendo: "Deixai-a. Por que a aborreceis? Ela praticou uma boa ação para comigo. Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes o bem, mas a mim nem sempre tereis, ela fez o que podia: antecipou-se a ungir meu Corpo para a sepultura". (Mc 14. 6-8).

Para aqueles homens, Jesus não merecia o perfume. Olharam para o perfume

de forma utilitarista. Um item que poderia ser vendido e o dinheiro resultante da venda, revertido aos pobres. Nenhum deles pensou em outros meios de auxílio aos pobres. Queriam apenas mostrar para Jesus sua capacidade de otimizar o uso das coisas.

Não se sabe como e de onde esta mulher tirou o dinheiro para comprar o frasco de nardo. Ela pode ter reunido todas as suas economias. No entanto, apesar disso, ela fez a escolha de ir até Jesus e ungi-lo. O gesto da unção é o reconhecimento e a aceitação de um novo projeto de sociedade e de reorganização dos poderes políticos e econômicos.

Esta mulher sabia que as consequências do discipulado de Jesus seriam muito graves. Ele era um perseguido político. Ao ungi-lo

ela assume este projeto com ele, mesmo correndo riscos. Não há cinismo e nem concessões na opção realizada por esta mulher. Não há negociações. Ela entregatudo o que tem de mais precioso. Ela apresenta uma nova alternativa de organização política e econômica. Nesta alternativa, os recursos precisam servir para fortalecer projetos de inclusão, novas formas de organização do poder, com participação e protagonismo das pessoas historicamente excluídas. Não é a ordem econômica o centro, mas a vida e a dignidade das pessoas. Foi isso que ela fez ao ungir Jesus, reconheceu sua vida e sua dignidade e em consequência optou por um projeto em que todas as pessoas devem ser respeitadas e ter acesso aos recursos econômicos, políticos, culturais e sociais

garantidores de dignidade e participação.

Não podemos esquecer que estas eleições acontecerão em um contexto em que a democracia está totalmente capturada pelo poder econômico. Portanto, um critério a ser avaliado nos projetos é se sua centralidade são os direitos humanos, sociais, econômicos, ambientais e culturais ou os aspectos econômicos.

Ao finalizar sua resposta aos homens que questionaram a mulher Jesus diz: “Em verdade vos digo que, onde quer que venha a ser proclamado o Evangelho, em todo o mundo, também o que ela fez será em sua memória” (Mc14.9). A memória de quem queremos manter viva. Da mulher que ungiu Jesus ou dos homens que viram nesta unção um desperdício?

REFLEXÃO

QUEREM TOMAR O MEU EMPREGO!

JAIRO MOURA COSTA E DANIEL GORTE-DALMORO

Estamos vivendo um tempo de grandes preocupações, grandes crises - crises humanitárias, crises econômicas, crises de emprego, crises do Estado, crises da democracia, crises da fé. Em meio a uma avalanche de notícias ruins, nos fechamos, e cresce o desprezo pelos nossos irmãos e irmãs imigrantes e refugiados/as. Ignoramos sua dor, nos concentramos em nosso medo com relação a eles, de que eles ocupem nossos lugares - inclusive nos bancos de nossas igrejas, e assim se tornem os prediletos do Pai. O que será que está acontecendo conosco? A nossa capacidade de sermos fraternos, solidários nunca foi tão desafiada nos últimos tempos.

No campo do trabalho, especificamente, o que mais se escuta é que o imigrante ou refugiado vai “tomar o meu emprego”. A realidade é que os postos de trabalho já estão escassos, e a disputa por eles está acirrada. Entretanto, ao invés de questionarmos porque são tão poucas as vagas de emprego - enquanto ouvimos e vemos notícias sobre os lucros recordes de bancos e grandes em-



Foto: Pixabay no Pexels

“SERES HUMANOS SÃO LEILOADOS E ENTREGUES A TODA SORTE DE EXPLORAÇÃO DE SUA CAPACIDADE FÍSICA E MENTAL - E NÃO ESTAMOS SÓ FALANDO DO TRÁFICO DE PESSOAS AQUI. ATÉ ONDE IREMOS, E ATÉ QUANDO CONSEGUIREMOS AGUENTAR?”



presas e cortes no Bolsa Família e seguro desemprego -, culpamos essa dificuldade de achar trabalho pelos migrantes que chegam - a mesma lógica que na Europa usam para acusar (e atacar) os migrantes, inclusive brasileiros, e deixar intacto os verdadeiros responsáveis pela questão do emprego e da renda (já cantava o poeta Vinícius de Moraes: “o dinheiro de quem não dá é o trabalho de quem não tem”).

No capitalismo, o que cria e mantém postos de trabalho é a economia. Mas para a economia globalizada funcionar, o mercado exige que os países sejam competitivos, ou seja, produzam a baixo custo – e políticas sociais vitais às pessoas de carne e osso são “custos” para o mercado –, para que o resultado final, o lucro, aumente a cada ano. No caso do Brasil, reformas estão sendo propostas com o intuito de tirar direitos de quem trabalha, e impor ao trabalhador uma postura de completa submissão, quase escravidão, diante de quem lhe oferece uma vaga de emprego. O mercado é voraz; implacável; insaciável. O mercado está finalmente conseguindo transformar o ser humano em mercadoria - de terceira categoria. Seres humanos são leiloados e entregues a toda sorte de exploração de sua capacidade física e mental - e não estamos só falando do tráfico de pessoas aqui. Até onde iremos, e até quando conseguiremos aguentar?

O trabalho decente, reconhecido e bem recompensado é uma das formas que nos dá dignidade perante a sociedade. No trabalho forjamos parte de nossa identidade: nele construímos pontes que nos ligam e nos unem a pessoas diferentes em todos os sentidos; com ele podemos aprender a solidariedade e a partilha: trabalho é uma construção coletiva. Enquanto estivermos sob a lógica do capitalismo, precisamos do trabalho para nos mantermos e construirmos lares saudáveis. Contudo, o que o capitalismo faz é justamente estimular o individualismo, o preconceito e a xenofobia no ambiente de trabalho, como se o sucesso de cada um fosse realmente fruto do próprio esforço, e não consequência de mil variáveis - inclusive do esforço próprio - e que nos fogem do controle.

Ao replicarmos uma mentalidade e um convívio base-

ados em preconceitos e exclusões - e isso é repetido tanto que acaba acontecendo “naturalmente”, se não estivermos atentos -, estamos destruindo todo um processo que levou séculos de lutas para ser construído, que é o respeito entre os seres humanos.

Quem lucra com a discriminação, o preconceito, o desrespeito e a exclusão em nossos ambientes de trabalho? Isto se chama divisão. Quem provoca a divisão é quem sai no lucro.

Portanto, quanto mais procurarmos a coletividade, sem medo do outro, ao contrário, demonstrando respeito e confiança, para que este respeito e confiança também sejam recíprocas, todos ganharemos - seja econômica, seja coletivamente.

Enfim. Sigamos o nosso caminho, mas o façamos em conjunto. Saibamos nos unir aos nossos colegas de trabalho, aos trabalhadores de outros lugares, aos desempregados. Saibamos conversar e desenvolver o espírito crítico, de modo que nosso trabalho possa nos trazer saúde e alegria, não só dinheiro, e seja também um compromisso com a Pachamama e as futuras gerações.



CUIABÁ, MATO GROSSO

O Centro de Pastoral para Migrantes (CPM) de Cuiabá, Mato Grosso, foi fundado em 17 de agosto de 1980, ocasião em que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou a Campanha da Fraternidade com o tema sobre a Migração. Na ocasião, os Missionários Scalabrinianos, como gesto concreto, iniciaram um trabalho de acolhida, orientação e encaminhamento a migrantes, prestando assim um serviço à Igreja e a sociedade cuiabana.

Desde então, o CPM oferece apoio aos migrantes, suprimindo suas necessidades básicas de acolhida e alimentação, além de auxiliar com informações e encaminhamentos necessários para acessarem seus direitos sociais, através do atendimento das políticas públicas de assistência social, saúde, educação, formação profissional, emprego e geração de renda.

Ao longo de sua atuação, foi possível implantar diversas ações visando o atendimento integral ao público, e mesmo com limitações que fogem as competências da instituição, compreende-se que através de um trabalho sistêmico e em rede, com articulação de potenciais parceiros - instituições públicas e sociedade civil - é possível atender com o máximo de integralidade, considerando as múltiplas necessidades do público-alvo.

Entre 2013 e 2019 foram atendidas mais de 13 mil pessoas. Alguns dos serviços complementares oferecidos pelo CPM são: cursos de português, qualificação profissional, inclusão econômica e busca de subsídios para apoio.

PARTICIPAÇÃO EM CONSELHOS, COMITÊS E COMISSÕES PARA CONTROLE SOCIAL:

- COETRAE;
- Participação no Projeto de Ação Integrada (PAI);
- Conselho Estadual de Direitos da Pessoa Humana;
- Fórum Estadual de Direitos Humanos e da Terra;
- Câmara Setorial de Políticas para mulheres na Assembleia Legislativa.

PARCERIAS:

- Associação Scalabrini;
- Superintendência Regional do Trabalho e Emprego – MT;
- Organização Internacional do Trabalho – OIT;
- Ministério Público do Trabalho - 23ª Região;
- Tribunal Regional do Trabalho;
- Universidades;
- Comunidades em geral.



GUARIBA, SÃO PAULO

Quem não lembra quando se falava boias-frias do interior de São Paulo, em referência às marmittas frias dos cortadores de cana, que vinham de várias regiões do Brasil, como Minas, Bahia e de outros estados do Nordeste? Pois foi nesta região da Macro Ribeirão Preto que a Igreja se fez presente, através da CPT, através de comunidades, padres e irmãs scalabrinianas, e, após 1985, com o SPM-Serviço Pastoral dos Migrantes. A produção de açúcar e álcool atropelou as pequenas propriedades e cobriu de cana vasta região paulista. Migrantes arregimentados de longe, em péssimas condições de alojamento, trabalho intenso, longe da família, gritavam por justiça. Em 2014 lembramos os 30 anos da greve de Guariba e o surgimento da Pastoral dos Migrantes. A equipe rompia fronteiras, atingia dioceses nas regiões de destino e origem dos migrantes. O trabalho marcou história: visita a alojamentos e moradias de migrantes, seminários, denúncias às violações dos direitos, depoimentos (da região de destino e origem), missões populares, fóruns, reuniões com sindicatos, universidades, festas com migrantes, semana do migrante, solidariedade emergencial, cartas para as famílias, produção do boletim “Cá e Lá”. Presentes desde 1983, e, como sede, desde 1984. E desde 1990, realizando trabalhos nos dois polos, que chamamos La é Cá, isto é, entre as regiões de origem e de destino dos migrantes. Para se ter uma ideia do desafio deste trabalho explorado, a Pastoral registrava, no interior de São Paulo, cerca de 200 mil trabalhadores em 2003, num trabalho basicamente braçal e com a presença de mulheres no eito. Os chamados “gatos” aliciavam migrantes e praticavam todo tipo de ilegalidade e violação aos direitos, a serviço dos usineiros. Antes do final da década de 2000 aumentaram as mortes por excesso de trabalho e foi através da Pastoral do Migrante que as primeiras denúncias começaram a ser feitas, repercutindo de modo significativo em todos os meios.

A partir de 2010 intensifica-se o corte de cana através de máquinas até encampar praticamente quase toda a produção em 2015. Em 2014 a Pastoral celebrou os 30 anos da greve de Guariba e o surgimento na região como Pastoral do Migrante.

Mas a Pastoral do Migrante continua com leigos e leigas de longas lutas. Lá estão o Seu Inácio e Eleno (Guariba), o Adilson e a Elaine (Pradópolis), senhor Vanderlei Tessaro e dona Maria Helena, só pra citar alguns nomes. Pessoas que seguem acompanhando famílias migrantes que se estabeleceram nestas cidades, com muita gente desempregada, morando precariamente e até passando necessidade. Dentro do possível a equipe se faz presente, através da Semana do Migrante, reuniões, celebrações, visitas. Conscientizando as pessoas a respeito da história dos trabalhadores temporários e do que a Pastoral do Migrante fez ao longo de décadas.



IR. DARCILLA ANTONIOLLI

TRAVESSIAS COM MIGRANTES EM UM JUBILEU DE OURO

ENTREVISTA A JOSE CARLOS A. PEREIRA

“Não estamos aqui para agradar pessoas ao nosso redor, tampouco para agradar àqueles que estão na coordenação. Estamos aqui para oferecer um serviço de escuta, de acolhida às pessoas que estão lá na ponta e que nem têm mais condições de vir até a gente. São os mais sofridos, abandonados, excluídos. Precisamos contribuir, ser presença”. É assim que a Ir. Darcilla Antoniolli resume o teor do carisma scalabriniano que a acompanha nos 50 anos de vida religiosa consagrada, iniciados em 02/02 de 1970.

Mas, essa experiência começou bem antes de 1970, no Arroio dos Moreiras, localidade do então distrito de Paraí, em Nova Prata-RS. Filha de Santa Giombelli e Ernesto Antoniolli, segunda geração de imigrantes italianos, Ir. Darcilla nasceu em 25/05/1943. “Eu ajudei a criar os meus irmãos e trabalhei em casa até os 18 anos. Daí decidi, optei para a vocação à vida religiosa.

O CHAMADO VOCACIONAL - “eu estava no hospital de Paraí-RS, acompanhando uma cunhada que ia ter nenê. As irmãs scalabrinianas Orlanda e Leonor me perguntaram se eu era casada, noiva. Eu disse: não. Acho que vou ser freira. Disseram: se quiser vir, as portas estão abertas. Falei: *só que a senhora vai falar com o meu pai*. Mas, eu já tinha enxoval pronto para casamento. Ninguém da minha família acreditou, inicialmente, na minha vocação. Diziam: *vai dar marcha a ré; outro meu irmão dizia: se você for, eu vou comer um gato com pelo....*, todas essas promessas. Bem, fiz os estudos, fui aprovada e trabalhei na missão, por dois anos, em Caxias do Sul”.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO, VATICANO II - “Os bispos vinham pedir irmãs para as Missões. O Dom Tomás Balduino pediu para Goiás. Eu e a Ir. Adélia Werner fomos para a Diocese de Goiás Velho, Heitorai-GO. Fomos trabalhar com migrantes e posseiros. Eles trabalhavam nas fazendas, com

distância de até 70 km. Éramos proibidas de entrar em certas fazendas. Em outras, a gente ia a pé, a cavalo, de charrete. E ainda trabalhamos com educação. Saíamos às 07 da manhã e voltávamos às 17 ou 18 horas para dar aula à noite. Tínhamos salas de 60 alunos, cuja faixa etária variava dos 09 aos 60 anos. Muitos deles eram filhos de migrantes. Mas, naquele tempo, a gente nem falava “migrantes”. E o Dom Tomás falou para auxiliarmos nos casamentos, batizados, chamados dos doentes. Sofremos muita perseguição por causa da teologia da libertação, a opção pelos pobres. Muitos padres saíram das dioceses, outros que ficaram foram perseguidos. Depois, fiquei doente. Era o estresse, muito trabalho. As mães foram me buscar, de volta, para Caxias do Sul”.

PASTORAL SOCIAL, CONFIRMAÇÃO DA VOCAÇÃO - “Vim na marra para Caxias do Sul; melhorei e fiz um curso de enfermagem. Prestei concurso na prefeitura e fui trabalhar na área da saúde. Fui morar com a Ir. Cristina, no bairro Planalto, onde chegavam migrantes do interior do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina para trabalhar nas empresas. Entre 1977 e 1998, trabalhei em várias frentes da Diocese: Ação Católica Operária; associações de moradores; na coordenação da Paróquia; pastorais sociais; participei da 1ª Assembleia Nacional da Pastoral Operária; Caritas; CPT (Comissão Pastoral da Terra); Sindicato dos funcionários públicos; CUT (Central Única dos Trabalhadores); CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Tínhamos uma equipe, as irmãs Pastorinhas; as irmãs do Coração de Maria, e

nós Scalabrinianas. Fazíamos encontros de formação com movimentos populares, pastoral, romarias, visitas em bairros operários. Isso tudo desafiava e contribuiu para a formação da gente”.

PASTORAL DO MIGRANTE, PASTORAL DE CONJUNTO, CONVIVÊNCIAS NO NORDESTE - “Quando me aposentei, em 1998, a madre propôs que eu fosse coordenar a Pastoral do Migrante na Arquidiocese de Teresina-PI. Saí de um mundo e entrei em outro. A realidade do povo do Nordeste me chocou. Um povo abandonado, carente de tudo. Mas, também um povo acolhedor. Encontrei gente boa como Dom Miguel, a ir. Felicitá, gente da prefeitura, da Universidade Federal, de



Encontro com família que se-teto, à margem do Rio Poty, Teresina-PI.
Foto: Arquivo Ir. Darcilla Antoniolli

outras pastorais que já faziam um trabalho por lá. Depois, fomos ampliando o trabalho, percebendo a expulsão da terra e a migração forçada para a periferia da cidade, onde tudo era muito precário: falta de água, de emprego, de saúde, de transporte, de educação, de moradia etc. Eles chegavam muito vulneráveis.

Convivi com as famílias dos migrantes que iam para o corte da cana em São Paulo. É a partir daí que a minha história se cruza com o Serviço Pastoral do Migrante-SPM. Através da Congregação Scalabriniana e do SPM, participei de campanhas de mobilização popular, do Fórum Estadual de Prevenção e Combate ao Trabalho Escravo, com a CPT, FETAG-PI (Federação dos Agricultores Familiares do estado do Piauí), a OAB-PI (Organização dos Advogados do Brasil), o MTE-PI (Ministério Trabalho e Emprego), a OIT (Organização Internacional do Trabalho), as Polícias Federal e Rodoviária, a Repórter Brasil, Caritas, Ministério da Educação, governo estadual, prefeituras, Arquidiocese, paróquias, CRB – Curso sobre Realidades Brasileiras, a Rede Um Grito pela Vida. Realizamos ações de prevenção e combate ao tráfico de seres humanos, sobretudo de meninas para a prostituição infantil; fizemos e multiplicamos cursos em todo o Nordeste e Norte que têm situações alarmantes de tráfico de pessoas. Foi um processo bem intenso de 2002 a 2008.

Visitávamos assentamentos, agricultores em terreninhos próprios ou em terras devolutas. Fizemos um diagnóstico sobre o



Seminário Prevenção e Combate ao Trabalho Análogo e Escravo e caminhada pela paz. Barra Grande-PI.
Foto: Arquivo Ir. Darcilla Antonioli



Projeto Agricultura com famílias do Assentamento São José, no Cebola. Trabalhadores, Ir. Darcilla, Dom Miguel e agentes de pastoral.
Foto: Arquivo Ir. Darcilla Antonioli

trabalho análogo a escravo e a migração. Em quase todos os municípios havia trabalhadores resgatados. Era preciso compreender o porquê disso e buscar soluções. O diagnóstico mostrou que a maioria deles ia para o corte de cana, em São Paulo. Outros iam para a colheita do tomate, em Goiás; para a aplicação de gesso, no Rio de Janeiro. Teve uma luta para que o MTE entendesse que em São Paulo também tinha trabalho análogo a escravo”.

“Lançamos a cartilha de prevenção e combate ao trabalho análogo a escravo; fazíamos caminhadas para sensibilizar o povo e divulgar a Campanha. Com as crianças, fazíamos atividades que lhes despertavam outros sonhos e possibilidades, e não apenas a emigração; para os jovens e adultos, a formação era para mostrar que eles tinham condições de ficar e viver com dignidade, participando, com acesso à terra, à moradia, ao trabalho decente etc. Depois disso, as autoridades despertaram para essa realidade. O Fórum deu muita formação nos sindicatos. O pessoal perguntava: *como é que vocês já foram resgatados e foram outra vez? Os trabalhadores respondiam: a gente pensa que melhor do que ficar em casa vendo as crianças morrerem de fome, é melhor sair. Três meses que estou em casa, não consegui nem 100 reais. Como é que eu faço?*

ABRINDO CAMINHOS - “a gente envolveu escolas, organizou

festivais de música, poesia, missões populares, encontros sobre perspectivas de vida melhor. Conseguimos um assentamento rural, Santo Antônio, de 100 hectares para as famílias, desde que fosse trabalhado em parceria; depois um segundo assentamento que era o Puçazeiro; um terceiro que era o Cebola.

Hoje, no Puçazeiro há uma comunidade, São João Batista, organizada. Os filhos deles cresceram, se casaram e ganharam a casa popular rural com energia, geladeira. Nos outros assentamentos, várias famílias chegaram, uns para morar, outros para ajudar. E tivemos outro projeto, no São José, lá na Cebola, com um grupo de 10 famílias. Eles tinham onde morar, mas não tinham em que trabalhar. Conseguimos energia, bombas d’água, ônibus para levar as crianças à escola. Com isso, muitas mães fizeram cursos e algumas já são professoras; muitos deles criam porcos, galinhas, cabras, vaquinhas. Trabalhamos com a economia solidária. Então, acho que tudo isso ajudou muito para poderem esco-



Preparação da Missão Popular com lideranças da comunidade São Sebastião da Ponte. Elesbão Veloso-PI.
Foto: Arquivo Ir. Darcilla Antonioli



Oficina Pastorais Sociais/Pastoral do Migrante co seminariastas na Arquidiocese de Teresina-PI.
Foto: Arquivo Ir. Darcilla Antonioli

Iher entre sair e ficar. Fizemos muita missão popular nos lugares de onde mais saiam trabalhadores. Falávamos sobre como manter a família nessa questão da migração de uns que vão e não voltam. Tivemos dificuldades, mas eles continuam nesse processo. Nós sempre conseguimos fazer esse trabalho de conjunto com as famílias e outras organizações. Sempre levamos os trabalhadores para encontros de formação local e nacional do SPM. O trabalho coletivo não é fácil. Cada um tem uma sentença. Mas, havia pessoas que lideravam muito bem e de forma honesta. Levava na cabeça ou acertava, era todo mundo junto”.

COM CAMINHONEIROS - “a nossa equipe visitava caminhoneiros em postos de combustíveis; falava sobre prostituição infantil; fazia uma missa por mês. A gente ia se descobrindo. Eles falavam sobre ficar distante da família, viver no caminhão e no abandono das estradas”.

NA RODOVIÁRIA E NAS PERIFERIAS DE TERESINA - “junto com a paróquia local, a equipe fazia um trabalho de conversar e celebrar com os migrantes que vinham de áreas rurais para tratar da saúde. Eles recebiam alta e não tinham para onde ir. A gente passou a mediar e o governo dispôs uma assistente social na rodoviária. A Pastoral do Migrante conseguiu passagens para as pessoas retornarem às suas casas. Nas periferias de Teresina fazíamos encontros com as comunidades sobre a importância de se organizarem, mobilizarem, receber outros migrantes que chegavam. Algumas paróquias ajudaram muito, outras menos, mas nunca deixaram de nos acolher”.

DO PIAUÍ PARA BRASÍLIA - “Um choque. Brasília não se pode comparar com outras realidades que vivi. Fiquei lá por 1 ano e 4 meses. Junto com Dom Sérgio e outras equipes fizemos a Semana Social da

Arquidiocese, estimulando a pastoral de conjunto. Nos finais de semana, a gente fazia ações sociais tipo: saúde, discussão de gênero, corte de cabelo, promoção vocacional. E há um trabalho bem articulado entre as irmãs e as equipes. Lá no Varjão fortaleceu-se a Pastoral do Migrante. Depois, algumas pessoas saíram, pois conseguiram trabalho fora, tiveram de mudar... Pastoral é assim mesmo. Já em Itapoã, 10 anos de Pastoral, rodízio de lideranças e um lindo coral.

MIGRAÇÕES NA FRONTEIRA SUL - De Brasília para o Chuí-RS – “o Chuí é uma fronteira com o Uruguai. Há migrantes uruguaios, argentinos, senegaleses, cubanos, haitianos. Visitávamos e falávamos sobre todas as questões postas pelo Brasil e Uruguai. Havia 40 cubanos que trabalhavam em fazendas, construção civil do lado uruguayo. Eles estavam chegando lá porque a despesa com a documentação era mais baixa. Só que eram explorados. Enquanto um uruguayo recebia 20 pesos, um cubano recebia 10 pesos pelo mesmo serviço que faziam. Muitas pessoas trabalhavam como guardadores de carros. Atendi a migrantes e moradores de rua na Igreja. Fiz um livro de presença e das demandas deles. Envolvermos escolas, paróquia, Diocese. Nesse meio tempo, faleceu a Ir. Orila (Travessini). A madre ligou pedindo para eu ir a Porto Velho-RO”.

MIGRAÇÕES NA FRONTEIRA NORTE - “Em Porto Velho, trabalhei na Caritas. Há o projeto PANA que faz cadastro dos migrantes; o CREAS para o alojamento, acesso à educação, à saúde. Era o processo de interiorização dos venezuelanos. Eles chegavam, se refaziam da viagem e pediam para ir ao Mato Grosso, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Brasília. Porto Velho era um corredor de passagem, pois não tinha o que oferecer a não ser comércio, restaurante e isso é difícil para quem não fala a língua do lugar. Um grupo de voluntárias oferecia cursos de trufas e salgados para mulheres e homens fazer e vender. Funcionava assim: se a pessoa vendesse 3 reais de trufa ou salgado, 1,50 ficava para ela, o outro 1,50 real ela devolvia para ajudar a Caritas a promover novos cursos. Terminado o curso, os migrantes recebiam um kit para fa-

zer e vender por conta própria. Mas, havia cubanos, mexicanos e brasileiros que chegavam do Rio, Paraná, Santa Catarina. Eu lhes perguntava: o que vieram fazer aqui?.. “*nós viemos trabalhar*” como diaristas ou nas fazendas”.

NOVA MISSÃO? “De Porto Velho regressei a Caxias do Sul, onde, talvez possa contribuir com o CAM – Centro de Apoio ao Migrante, junto com a Ir. Celsa. Só em 2019, o CAM atendeu imigrantes de 58 países. O CAM está vendo com as indústrias da região, cursos profissionalizantes e possibilidades de empregos para essas pessoas, conforme as suas especificidades”.

“A CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA E A PASTORAL DO MIGRANTE - deram-me oportunidades de formação, de ver que a gente não é dono daquilo que está se fazendo. Penso que as coordenações de pastoral têm que ficar com os leigos. Depois de um tempo, os religiosos(as) são transferidos...”

PAPA FRANCISCO - “É um profeta. Ele está tentando abrir a Igreja; ir ao encontro daqueles que não têm mais condições nem de vir, nem de serem ouvidos. A não ser que alguém, que tenha pulso, vá ouvi-los, celebrar a eucaristia com eles, ser solidário na sua dor. A própria Igreja, em muitos lugares, tem atitudes... fico indignada! Penso que Francisco fala para as pessoas se abrirem aos jovens, dar oportunidades à novas lideranças, ouvir além daquilo que é o comum da igreja”.

O SENTIDO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA - “Olha, Jesus dizia: *“Eu era migrante e tu me acolhestes”*. Gosto de ler Lucas 4, 14-20; Êxodos, 3, 7-10; Isaías, 61, 1-2. Scalabrini dizia: *“Pátria é a terra que nos dá o pão”*. Sempre refleti com os trabalhadores o texto do Êxodos, 3, 7-10, que é *“Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores e conheço os seus sofrimentos...”* A Deus agradeço. Penso que isso tudo me deu o sentido da vida consagrada. Tenho como meu forte o Evangelho de Lucas 4, 13-20. Essas reflexões fecham com o que penso sobre a vida consagrada. Faço 50 anos de vida religiosa consagrada e estou presente para a missão. Ela me deu oportunidades de travessias, de crescer como pessoa, de contribuir, ser presença, testemunha do Evangelho”.

A HORA DO BRASIL

DANIEL FRANCOY

Não há nenhuma dúvida agora:
o primeiro alerta não foi o bastante

Há árvores que crescem - existência apócrifa -
e invadem o sagrado espaço do fogo.

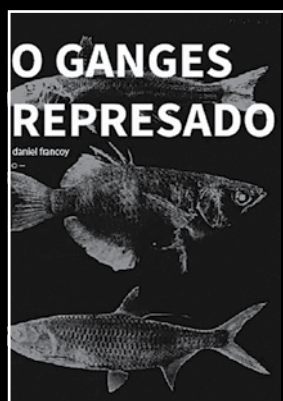
Há crianças que insistem em nascer
no que deveria ser um cemitério indígena
ou um estacionamento, ainda não decidimos.

Há vozes que não se cansam de perturbar
o nosso silêncio mais conveniente
ou que interrompem nosso festim armado.

Há rios que ainda fluem, que ainda
frustram os nossos férteis campos de lama.

De uma vez por todas, é preciso que respeitem
o apogeu da nossa idade de ouro.

IN: O Ganges Represado. Editora Urutau, 2019.



HINO DOS 35 ANOS DO SPM

ROBERVAL FREIRE

No mundo são tantos muros
Mas também são tantas pontes
O povo migra no escuro
Mas não perde o horizonte

Procurando uma terra
A pátria que dá o pão
Onde não exista guerra
Onde viva a união

Nesse mundo egoísta
Pra poder sobreviver
O migrante é um artista
Pra vencer este sofrer
Homem, mulher e criança
Carregados de saudade
Traz na mala a esperança
E no coração bondade

r/
Este é o chão da Pastoral dos Migrantes
Com o Cristo Peregrino
Bebendo na própria fonte (bis)

Já são 35 anos, caminhando e aprendendo
Andando em caminhos novos
E a história escrevendo

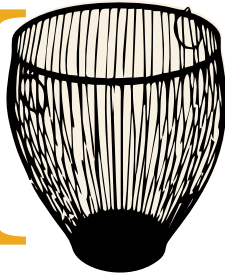
Por um mundo de irmandade
Acolher e proteger
Buscando sempre a verdade
Integrar e promover

Celebrando e festando, fazendo santas missões,
Defendendo os direitos e juntando os mutirões,
defendendo a Mãe Terra, as culturas oprimidas,
a Semana do Migrante fala o que é nossa vida!

No YouTube: <http://bit.ly/SPM35hino>



BALAI



Também no dia 07 de setembro acontece a 33ª Romaria dos Trabalhadores e trabalhadoras, cujo lema é **“Mãe Negra Aparecida, com a sua proteção, nós, povo de Deus, resistimos e seguimos em missão”**.

“Forçados como Jesus Cristo a fugir”.

Este é o tema, escolhido pelo Papa Francisco, da mensagem para o 106º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado que será celebrado no domingo, 27 de setembro de 2020.

Segundo um comunicado da Sala de Imprensa da Santa Sé, divulgado na sexta-feira 06/03, a mensagem é centrada no cuidado pastoral dos deslocados internos, que atualmente são mais de 41 milhões em todo o mundo. [www.bit.ly/SPM0145]

Do Twitter:

@CalebeRRibeiro

Teologia boa não se faz com dois dedos, mas sim com muitas mãos. Se faz na/pela/para a comunidade, recheada de afetos entranhados. Se faz com mãos levantadas a Deus e não dois dedos em riste. Se faz com mãos estendidas ao próximo e não com dois dedos armados que tomam de assalto.

@jungmosung

Pandemia, desemprego/crise econômica e crise política: receita para falsos profetas do medo e bodes expiatórios.

Precisamos de líderes/Profetas capazes de articular ciência com fé e esperança, defesa dos pobres com sustentabilidade econômica e ambiental, e um novo futuro. Quem?

“Basta de miséria, preconceito e repressão! Queremos trabalho, terra, teto e participação!”

é o lema do 26º Grito dos/as Excluídos/as. Em meio à atual conjuntura política e econômica do governo e da sociedade, se faz necessário dar visibilidade a realidade vivida pela população marginalizada, que morre todos os dias, em decorrência da grande desigualdade imposta por este sistema. O desafio é mostrar que é possível um caminho mais justo, mais fraterno, coletivo, entendendo o valor da vida, que deve sempre estar em primeiro lugar.

Na edição passada tratamos da questão da migração transexual interna. Esse fenômeno é também internacional, não apenas com a migração de transexuais brasileiras para a Europa - geralmente para trabalharem como prostitutas -, como também com a vinda de refugiadas trans da Venezuela para o Brasil. Reportagem do portal R7 sobre projeto de empoderamento de mulheres refugiadas mostrou que as mulheres trans, felizmente, também tem sido contempladas [www.bit.ly/SPM0133].

Depois de famílias terem chegado a Salvador e Porto Velho, na madrugada do dia 04 de fevereiro, o SPM NE, na cidade do Conde, na Paraíba, no Nordeste do Brasil, começou receber mais um grupo de migrantes vindos de Roraima pela operação de interiorização [www.bit.ly/SPM0153]. A seguir, foi a vez do SPM NE, SPM em Curitiba e SPM Nacional acolherem mais famílias, desta feita em Curitiba, Paraná, trazidos pela operação de interiorização coordenada pelo Exército brasileiro com uma grande parceria do Serviço Jesuíta para Migrantes e Refugiados em Roraima [www.bit.ly/SPM0152].

Neste tempo de pandemia de coronavírus, Padre Alfredinho tem nos brindado com algumas reflexões, disponíveis no site oficial do SPM: **www.bit.ly/SPMalfredo** Em outra chave, também a editora n-1 tem oferecido textos críticos sobre este momento pelo qual passamos, de autores como Vladimir Safatle, Bruno Latour e Achille Mbembe: **www.bit.ly/n-1edicoes**



PUENTES DE SOLIDARIDAD

MISEREOR
IHR HILFSWERK



adveniat
Für die Menschen in Lateinamerika